

CONTEXTO DE SITUAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIODISCURSIVAS DE MORADORES NA REGIÃO DO LIXÃO EM PARANAGUÁ-PR (BRASIL)

SITUATION AND SOCIAL-DISCURSIVE REPRESENTATIONS OF INHABITANTS LIVING CLOSE TO URBAN WASTE DEPOSIT IN PARANAGUÁ PR - BRAZIL

Dulce Elena Coelho Barros¹

decbarros@uem.br

Denize Elena Garcia da Silva²

denizelena@gmail.com

Resumo: Neste artigo, parte-se do princípio de que a noção de ethos subentende inscrição do locutor no discurso conforme uma regularidade sociocultural, compreendida nos contextos situacionais. Assim, este estudo, pretende revelar aspectos que visam, primeiro, auxiliar o desenvolvimento de discussões acerca do tema linguagem, identidade e exclusão, as quais se propõem, entre outros fatores, a fortalecer o ethos discursivo de atores sociais que fazem do lixo (rejeito da sociedade) o seu meio de sobrevivência e, segundo, dar voz àqueles que se nos apresentam identitariamente enfraquecidos. Este trabalho se realiza à luz dos preceitos teóricos empreendidos por Fairclough (2001), van Dijk (2001) e Thompson (1995), estudiosos que se interessam pelos fenômenos relativos à contextualização social das formas simbólicas circulantes nas sociedades. Demonstra-se que os sujeitos sociais em foco, marginalizados, segregados e enfraquecidos identitariamente, são elevados, mediante formas simbólicas, à condição de verdadeiros incluídos nas relações socioeconômicas condizentes com o regime capitalista em que se inserem, ou seja, sob a marca das representações coletivas que determinam a apresentação de si no discurso.

Palavras-chave: Identidades enfraquecidas. Representações sociais. Ethos discursivo.

Abstract: Based on the concept of the term ethos which may be described as the locator's inscription in discourse according to social and cultural regularity, understood in situational contexts, current essay investigates aspects on the development of discussions on language, identity and exclusion and intends to strengthen the discursive ethos of the social agents that transform garbage (society's waste) as a means of survival and gives voice to those with apparently weakened identities. The essay is foregrounded on the theories by Fairclough (2001), van Dijk (2001) and Thompson (1995) who are interested in phenomena related to the social contextualization of symbolical forms in society. Current analysis shows that the social agents discussed, who are marginalized, segregated and weakened in their identity, are promoted, through symbolic forms, towards a condition of 'truly' included people within the social and economic relationships proper to capitalist society in which they 'insert' themselves, or rather, collective representations that determine their representation in discourse.

Key words: Weakened identities. Social representations. Discursive ethos.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Professora Adjunta na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

² Doutora em Linguística Hispânica (UNAM). Professora pesquisadora junto à Universidade de Brasília (UNB).

1 Introdução

O que distingue uma análise discursiva de cunho social de uma análise abstrata dos discursos é o fato de a primeira se interessar pelo contexto a partir do qual o discurso se realiza. Tal contexto pode, de acordo com van Dijk (1997), envolver participantes e relações sociais. Esse posicionamento condiz com os objetivos da Análise de Discurso Crítica (ADC), que se interessa pelas determinações socioculturais do discurso. Enquanto teoria e método de estudo, a ADC encara o termo “discurso” como um tipo de prática social ou elemento constitutivo do social (FAIRCLOUGH, 2001). Nesses termos, empreender uma análise discursiva requer um posicionamento intermediário entre o texto/evento discursivo e seu contexto social.

Este trabalho, balizado pelos estudos críticos do discurso nas vertentes de Fairclough (2001, 2003) e de van Dijk (2001, 2008) bem como pela noção das representações sociais apresentada por Moscovici (1981, 2003) e pelas imbricações com as formas simbólicas de que trata Thompson (2002), tem como objetivo analisar depoimentos, colhidos mediante entrevista individual, de seis moradores da Vila Santa Maria, comunidade que se constituiu em torno da região em que se descartam, a céu aberto, há mais de trinta anos, os dejetos produzidos pela população de Paranaguá, cidade do estado do Paraná (Brasil).³

Para respaldar os caminhos analíticos dos dados empíricos, a primeira autora realizou um percurso metodológico próximo aos métodos etnográficos e observou, em *locus*, o ambiente em que trabalham os colaboradores da pesquisa, ocasião em que pôde observar as formas de organização social aplicadas pela comunidade. O propósito foi depreender dos depoimentos, à luz do contexto em que se realizam, o *ethos* discursivo desses atores sociais que fazem do lixo o seu meio de sobrevivência. Consta ainda, na agenda do presente estudo, e como forma de complementá-lo, a inclusão de aspectos sociodiscursivos gerados a partir do relato de uma catadora, pertencente ao Movimento Nacional de Recicladoras, que se encontra registrado no Relatório Final do Seminário Internacional: por um Brasil sem desigualdades, realizado na Câmara dos Deputados – DF (Brasil), nos dias 28 e 29 de junho de 2004.

A noção de *ethos*, aqui considerada, subentende a inscrição do locutor no discurso relativamente a uma regulamentação sociocultural, compreendida nos dados situacionais. A pesquisa em desenvolvimento permite-nos comentar que os sujeitos sociais em foco – catadores de materiais recicláveis – constroem uma imagem de si como vencedores de uma

³ Os dados selecionados para o presente estudo fazem parte do *corpus* do projeto do Grupo Brasileiro de Estudos de Discurso, Pobreza e Identidades, integrado à REDLAD (CNPq) sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Denize Elena Garcia da Silva.

das mais cruéis adversidades já experimentadas num campo de trabalho, sobretudo como forma de luta para sobrevivência. Cabe, ainda, mencionar que eles se posicionam em seus discursos como sujeitos engajados em um sistema privado de troca e negociações financeiras das quais tiram o seu sustento, estabelecendo relações hierárquicas de trabalho que os classificam em categorias tais como ‘catadores’, ‘puxadores’, ‘carregadores’, ‘selecionadores’, ‘atravessadores’ e ‘rolistas’, entre outros.

Paralelamente a essa noção de *ethos*, buscamos desvelar, no presente estudo, aspectos que possam auxiliar no desenvolvimento de discussões que giram em torno do tema linguagem, identidade e exclusão e que se propõem, entre outros fatores, a dar voz àqueles que se nos apresentam identitariamente enfraquecidos, “que sobrevivem com o que sobra e é descartado pelas camadas favorecidas da sociedade”, conforme aponta Silva (2011, p.17).

2 Entre o evento e o *ethos* discursivos: o contexto social

No campo dos estudos do discurso, focar identificação social equivale a reconhecer que as trocas verbais ou interações discursivas são indissociáveis da influência que os interlocutores desejam exercer uns sobre os outros. Por outro lado, considerando os espaços sociodiscursivos em que o falante se manifesta, pode-se reconhecer que a identificação social está ligada à distribuição preestabelecida de papéis para o locutor. Isso significa que a autoimagem construída pelo falante perante aqueles aos quais dirige a sua fala está ligada ao papel social por ele exercido em um determinado contexto situacional.

De acordo com Amossy (2005, p.145), situar o *ethos* no ato de enunciação implica considerar a relação entre *ethos* prévio (equivalente à imagem preexistente do locutor) e o *ethos* dito discursivo (a imagem que ele constrói de si em seu discurso), que tem a ver com a própria atividade linguageira do falante. Enquanto o primeiro está ligado ao estatuto do locutor e à questão de sua legitimidade, ou seja, ao processo de legitimação de sua fala, o segundo está relacionado às coerções da situação de comunicação que se lhe impõem. Considerando que esta discussão pretende se fazer à luz do contexto histórico e situacional em que se inscrevem os sujeitos informantes, colaboradores da pesquisa, debruçamo-nos especificamente sobre a noção de *ethos* discursivo, compreendendo, portanto, a existência de uma relação estreita entre identidade e comportamento sociocomunicativo.

Sob o ponto de vista da Análise do Discurso Crítica, é por meio dos ‘significados identificacionais’, nos termos de Fairclough (2001, 2003), que se pode ter acesso aos modos pelos quais os atores sociais emergem dos textos. A propósito, Barros e Silva (2008)

sintetizam a proposta da ADC de articular, a um só tempo, os níveis linguístico, discursivo e ideológico-cultural, retratando o quadro analítico sugerido por Fairclough (2001) e por este construído a partir dos conceitos de prática social e de suas relações com a teoria social do discurso. No presente trabalho, busca-se focar o que concerne aos modos particulares de ser (no eixo da ética, da conduta). O que configura, no limite deste estudo, a tomada de posição por um recorte e, portanto, eleição de uma parte do modelo analítico construído por Fairclough. Trata-se de um enfoque voltado, de forma mais efetiva, para os significados identificacionais que, por sua vez, nos permitem lançar luz sobre as identidades sociais que se constroem na confluência do evento discursivo (o texto) com as práticas sociais. Isso equivale a dizer que os falantes se constituem identitariamente nas/pelas práticas linguísticas socialmente contextualizadas.

No entanto, é preciso esclarecer que essa constituição identitária, por meio da linguagem, depende do modo como a comunidade encara o relativo acesso a privilégios, bem como aos direitos dos indivíduos. De acordo com Mey (2002, p. 76), “as coerções impostas pela sociedade são frequentemente expressas nos modos pelos quais as comunidades se organizam e controlam o uso da linguagem”.⁴ Por outro lado, com base na proposta de Fairclough (2003), registra Silva (2009, p. 63) o seguinte:

Enquanto a representação, dentro de um sistema linguístico, envolve efeitos de significação e sistemas simbólicos, as práticas podem ser caracterizadas como modos habituais de ação social. Nessa perspectiva, o discurso constitui um dos elementos da prática social e, como tal, permite-nos identificar e desvelar práticas discursivas em termos de identidade e diferença.

No contexto desta pesquisa, em que se discute a constituição sociodiscursiva das chamadas identidades enfraquecidas ou periféricas, partiremos da descrição da estrutura social, bem como da observação dos “hábitos de ação social” dos moradores de Vila Santa Maria, pequena comunidade instalada próximo a um depósito de lixo, da cidade litorânea do estado do Paraná. A partir desse contexto, buscam-se subsídios para investigar o modo pelo qual algumas práticas socialmente compartilhadas influenciam a imagem que os moradores dessa comunidade têm deles mesmos em termos de identidade e diferença.

3 Entre o contexto de situação e as representações discursivas socialmente compartilhadas

⁴ Tradução livre de: “The constraints imposed by the society are, again, often expressed in the way the community organizes and controls the use of language” (In: *Pragmatics and Identity*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 5, 2002, p. 76).

A Vila Santa Maria, conhecida hoje como o Lixão municipal de Paranaguá, foi originalmente ocupada, na década de 1950, por sítiantes posseiros vindos de regiões vizinhas como Antonina e Alexandra. Tal como aponta Abrahão (2009), a primeira etapa dessa ocupação apresenta perfil agrícola. No entanto, na década de 1970, em função da expansão urbana experimentada por Paranaguá, esses moradores passam a ocupar áreas territoriais mais reduzidas. A estudiosa ressalta que

[...] a deposição de resíduos urbanos, a partir dos anos 70, representou o primeiro fator relevante no sentido de gerar uma realocação espacial e de funcionalidade da população residente neste local. Foi desencadeado, a partir daí, outro movimento migratório, tipicamente urbano e relacionado de forma mais direta à economia do Lixo. Mas, também a população que realizou a ocupação original foi sendo envolvida por esta lógica, passando a complementar sua subsistência com a coleta e comercialização de resíduos. (ABRAHÃO, 2009, p. 9).

Ao fixarem moradia em torno do local em que se despejam os dejetos produzidos pela população, ou se mantendo naquele local, os moradores da Vila Santa Maria passam a fazer dessa adversidade humana o seu meio de sobrevivência. A propósito do que foi dito, vale registrar aqui que em Psicologia Social, mais especificamente na teoria das representações sociais,

[...] a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a realidade. (MOSCOVICI, 2003, P. XX, grifo do autor).

Para Moscovici (1981 apud Meyer, 2003, p. 45), a noção de representações sociais deve ser entendida como a massa de conceitos, atitudes, valores, imagens e explicações que são produto da vida cotidiana e se encontra sustentada pela comunicação. As representações sociais, de acordo com o autor mencionado, são compartilhadas pelos membros de um grupo. Com respeito a essa proposta teórica, Charaudeau e Maingueneau (2004) enfatizam que a noção de representação social está voltada para a relação existente entre a significação, a realidade e a sua imagem.

As representações sociais, ao que parece, envolvem o produto – estruturas de acontecimentos previamente estabelecidas (crenças, opiniões e atitudes) – e o processo pelo qual as representações são elaboradas. Essas se referem ao momento de percepção e de apropriação dos objetos e fenômenos externos ao pensamento e ao trabalho psicossocial de elaboração dessa realidade apreendida. Nesse sentido, a noção de representação deixa de figurar somente como construção mental de um objeto (externo) que se nos apresenta no

mundo da vida, passando a ser vista de forma mais abrangente, em termos do caráter social e simbólico que encerra.

A inclusão, neste estudo, de aspectos relativos à teoria das representações sociais permite-nos passar a outra orientação, de natureza sociopsicológica, proposta no âmbito dos estudos críticos do discurso. Trata-se do enfoque de van Dijk (2006), para quem a trilogia – discurso, cognição e sociedade – conduz a reflexões que incidem, a um só tempo, sobre o mundo interior da subjetividade e exterior da objetividade daqueles que participam de um evento discursivo. Meyer (2003, p. 44) justifica esse posicionamento assumido por van Dijk, afirmando:

Os atores sociais implicados no discurso não usam exclusivamente suas experiências e estratégias individuais; eles se apoiam fundamentalmente em modelos coletivos de percepção aos quais chamamos de representações sociais. Estas representações socialmente compartilhadas constituem o vínculo entre o sistema social e o sistema cognitivo individual, e também procedem à tradução, à homogeneização e à coordenação das exigências externas com a experiência subjetiva.

Com efeito, van Dijk (2001) considera que a teoria do contexto se desenvolve no interior da teoria sociopsicológica dos modelos mentais. Um modelo mental, para o estudioso, representa o que se chama de experiência. Mais especificamente, um modelo mental é uma representação individual (subjetiva) de um evento/situação na memória episódica, que é parte da memória de longo prazo do falante.

Outro fator que, segundo Abrahão (2009, p. 9), também pode relacionar-se à reorganização do espaço geográfico ocupado pelos moradores da Vila Santa Maria foi a instalação da empresa Frigobrás (Companhia Brasileira de Frigoríficos) e, posteriormente, a unidade fabril da Sadia nos anos 90. Segundo registra Abrahão (2009, p. 8):

No zoneamento atual da cidade de Paranaguá não consta a delimitação desta Vila. Na verdade, o próprio nome é fruto da organização informal de uma das diversas áreas de ocupação/invasão no município. Oficialmente esta área compõe a Colônia Santa Rita, constituída na zona rural do município e que em função da expansão portuária das últimas décadas já adentrou o espaço urbano.

No mapa apresentado por Abrahão (2009, p. 8), podemos constatar que o espaço territorial ocupado pela Colônia Santa Rita está situado entre a Indústria de Alimentos Sadia e o Lixão municipal, o que leva a estudiosa a concluir que ambos exercem elevado impacto sobre a vida dos moradores instalados naquele local. Para ela, é possível dizer que “ambos representam fatores importantes no sentido da territorialidade do espaço Vila Santa Maria,

bem como da colônia em sua condição atual, mesclada à área de invasão”. (ABRAHÃO, 2009, p. 9).

No contexto deste estudo, esses fatores e características de natureza histórico-geográfica resultam fator importante para o entendimento dos significados identificacionais que perpassam os discursos dos moradores dessa região.

Nossas visitas em *locus* à Vila Santa Maria permitem registrar que, atualmente, a comunidade se encontra estruturada não apenas em função dos produtos retirados dos despejos, mas em função, também, das seguintes instituições: a Secretaria do Meio Ambiente de Paranaguá-PR (SEMMA); a cooperativa de coleta e triagem do material reciclável e envio aos recicladores; as empresas de transporte do material selecionado; as empresas/empreiteiras de reciclagem; uma creche/a escola. A partir daí, os agentes sociais que ocupam o espaço geográfico urbano em foco passam a ser reconhecidos pelo papel que desempenham, ao buscarem o seu sustento nos materiais recicláveis. São eles: os cooperados, os atravessadores, os rolistas, os catadores (residentes na Vila Santa Maria) e os “noias” (moradores de rua).

Ao que nos parece, a partir do momento em se institucionaliza a coleta e a seleção (triagem) e o destino dos dejetos humanos, as formas simbólicas, já circulantes na sociedade como um todo, passam a configurar o contexto da Vila Santa Maria, em cuja base se sustentam as relações de poder e as formas de autoridade relativas às práticas sociais da comunidade. Thompson (2002, p. 181) sugere que compreender as características significativas da vida social requer analisar os fenômenos culturais a partir contextualização das formas simbólicas (ações, objetos, expressões), isto é, relativamente a contextos e a processos históricos específicos e socialmente estruturados dentro dos quais, e por meio dos quais, essas formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas. Como podemos ver, esse posicionamento de Thompson (2002) condiz com a ideia, sugerida acima, de que as representações socialmente compartilhadas constituem o vínculo entre o sistema social e o sistema cognitivo individual.

4 Formas simbólicas e inclusão/exclusão social

As formas simbólicas atuam sobre o contexto de produção dos discursos daqueles que sobrevivem à dura realidade do Lixão. Esses sujeitos sociais, marginalizados, segregados e enfraquecidos identitariamente, são elevados, pelas formas simbólicas, à condição de verdadeiros, incluídos nas relações socioeconômicas condizentes com o regime capitalista em que se inserem. Os depoimentos apresentados a seguir atestam que os sujeitos pesquisados se

declararam como trabalhadores que se deslocaram de regiões próximas, tais como as citadas por Abrahão (2009), de natureza agrária, para exercer atividade econômica ligada ao lixo:

Excerto (1)

I. Nasci aqui mesmo. Nessa região.

P. Aqui, na Vila Santa Maria?

I. Não, aqui não, no Primavera. *Tô morandu* aqui, agora.

P. O quê você faz aqui no Lixão?

I. Eu **sou mais rolista, eu troco as coisas.**

(Informante 4, sexo masculino, 23 anos)

Excerto (2)

I. Nasci aqui mesmo, sou daqui mesmu... estrada da Alexandra//nessa vila!

Faz vinte ano que moro aqui, aqui no Lixão.

P. O que a senhora faz aqui?

I. aqui, eu **trabáiu no lixo mesmu**, né!

P. Então, a senhora veio pra cá por causa do Lixão mesmo?

I. sim, vim com o marido, por causa do Lixão mesmo, **pra trabaiá** no lixo, **pra trabaiá um pouco**, né?

(Informante 5, sexo feminino, 67 anos)

Excerto (3)

I. Eu vim pra cá tinha dezoito anos.

P. Veio com a família?

I. Não só eu, dois irmão... vim/ com uma prima minha. Eu vim pra **trabalhá::** tinha dezoito anos.

P. o que já faziam na época?

I. **Trabalhá:: no Lixão mesmu.** Aqui, a maioria **trabalhá** no Lixão *mesmu*.

P. é possível tirar o sustento daqui?

I. é:: tira, todos tira, não é ASSIM:: mas, dá.

(Informante 1, sexo feminino, 53 anos)

5 Contextualização social das formas simbólicas

Com a institucionalização da coleta, seleção (triagem) e destino dos materiais recicláveis, oriunda da criação de diversas associações, programas de coleta seletiva, cooperativas, empresas de reciclagens, companhia de transporte, entre outras, essa atividade passa a configurar o contexto da Vila Santa Maria e o perfil identitário socioeconômico de seus moradores, em cuja base estão as relações de poder e formas de autoridade relativas às práticas sociais da comunidade. Como já asseguramos, eles são cooperados, atravessadores, rolistas, catadores. No final desse elenco de posições socioeconômicas, aparecem os “noias”, isto é, os moradores de rua, sujeitos sociais mais vivamente segregados das relações de trabalho emergentes.

Ao se posicionarem em seus discursos como sujeitos verdadeiramente engajados nas relações de trabalho de que participam, tal como se pode constatar nos excertos abaixo, esses sujeitos sociais contribuem para a formação de representações sociais hierarquizadas menos ou mais valorizadas, tal como já se observa em outros setores da vida em sociedade. Vejamos que a associação à qual se referem, bem como a emergência/presença de um líder, desempenham um papel fundamental para a construção de uma visão positiva encerrada no conceito de reciclagem, qual seja, atividade laboral:

Excerto (4)

P. de onde você veio J.?

I. eu nasci em Curitiba//eh! Vim pra cá com três ano.

P. seus pais vieram pra cá por quê?

I. É::! Porque aqui:: é// é mais... como é que se diz/ mais fácil de arranjar emprego, trabalho. **O meu pai trabalha na recicragem**, com a dona H. É:: **a minha mãe trabalha também com recicragem**, aqui no Lixão.

P. vocês conseguem tirar o sustento daqui?

I. **a maioria tira o sustento daqui, trabalha aqui.**

(Informante 2, sexo feminino, 18 anos)

Excerto (5)

P. o que a senhora faz aqui?

I. **Trabalho na associação.**

P. Por que motivo veio morar aqui?

I. É::, lá tava difícil de empregu/ não tinha emprego pra nós, aqui a gente chegou, faz três mês, **eu já to trabalhandu, a gente trabalha na reciclagem, né!**

P. é possível tirar o sustento daqui?

I. tira, tira/ só que, é assim, não passa do/do, do feijão com arroz, NE!

(Informante 3, sexo feminino, 54 anos)

A partir do momento em que as relações de força e poder tornam-se mais acirradas no interior da comunidade, em função do controle exercido pelos mais fortes (atravessadores) sobre os mais fracos (puxadores, “noias”) em termos de domínio socioeconômico, aqueles que se declaram beneficiados pelo estado de coisas vivenciado retratam-se como veiculadores desejáveis de uma ideologia que sustenta o exercício e a manutenção do poder fortemente hierarquizado na comunidade. Os excertos abaixo atestam tal aceitação:

Excerto (6)

P. Vocês vieram fazer o que aqui?

I. *Vie mo trabalhá.* Eu trabalho no Lixão, lá, na *recicragem*. Eu criei todos os *meu filho* trabalhando ali/ela... os *otro* . Agora *tão todos casadu*. A minha nenê/quando eu vim pra cá, ela tinha três mês. Agora ela *tá* com dezessete anos.

P. é possível tirar o sustento do material de reciclagem?

I. Ah! Dá sim... se *tirá* daí esse Lixão, vai *sofrê* muita gente. Muita, muita gente depende disso daí. Se *tirá*, vai *padecê* muita gente, muita família.

(Informante 6, sexo feminino, 48 anos)

Os excertos 4, 5 e 6 demonstram que os moradores da Vila Santa Maria aceitam a realidade vivenciada, sem se darem conta que formam um exército de excluídos dos verdadeiros e dignos meios de produção econômica, e, por conseguinte, colaboram para o recrudescimento da hegemonia sociocultural. Esta se manifesta, também, além das fronteiras do muro construído pela Secretaria do Meio Ambiente em torno dos despejos, que os segrega de forma ainda mais violenta do restante da comunidade.

Muito apropriadamente, van Dijk (2008, p. 46) assegura: “A influência decisiva sobre as ‘mentes’ das pessoas dá-se por meio de um controle antes simbólico do que econômico”. Para o estudioso, “um componente do exercício e da manutenção do poder é ideológico e

baseia-se em vários tipos de aceitação, contestação, negociação e consenso”, (VAN DIJK, 2008, p.47). Vejamos, a seguir, como cada uma dessas categorias eleitas para levar a cabo a análise proposta atravessa os discursos dos moradores da Vila Santa Maria (excertos 7 e 8) bem como o depoimento da senhora Ruth Ribeiro (excertos 9 e 10), catadora integrante do Movimento Nacional de Recicladores.

A categoria da aceitação das relações de poder pode ser evidenciada nos depoimentos que deixam transparecer um sentimento de bem-estar e de conformação por parte dos sujeitos. Tal estado de coisas se manifesta à luz de um mundo social que os submete à hierarquia das riquezas e poderes desigualmente distribuídos. Nos dois excertos inseridos abaixo, fica marcado aos olhos um sentimento de consagração capaz de destituir dos sujeitos sociais uma posição, digamos assim, de insignificância perante suas práticas sociais.

Excerto (7)

P. Como é viver aqui? Como você leva a sua vida aqui?

I. *Vivê* aqui é bom... porque a gente vai ali::, trabalha um *pocu*, ali: ganha um *dinheru*. Não precisa ficar na FILA de ninguém. P. É possível tirar o sustento desse lugar? Você consegue se sustentar e sustentar a sua família?

I. Eu *consigu*!

P. O quê falta pra você? Do quê você sente falta?

I. Eu não sinto falta de nada, porque o que eu preciso eu tenho tudo, né!
(Informante 4, sexo masculino, 23 anos)

Excerto (8)

P. Como é a sua vida e a vida da sua família? Como é viver aqui?

I. Ah! É bom, né! Aqui é bom, pra gente que já *tá* acostumado, aqui é bom. Aqui é bom, faz quase vinte *ano* que moro aqui.

(Informante 6, sexo feminino, 48 anos)

Fazem parte da estrutura socioeconômica da Vila Santa Maria aqueles recicladores que subvertem a nova ordem social estabelecida quando foi criada a cooperativa, o que se fez com o apoio da Secretaria do Meio Ambiente de Paranaguá, responsável pela construção de um muro em torno do Lixão e pelo cadastro das empresas de transporte e beneficiamento do material selecionado pelos catadores. Os recicladores não associados mantêm a sua independência praticando suas negociações pelos “rolistas” e atravessadores. Nesse contexto,

cabe dizer que, para van Dijk (2008, p. 43), “o poder precisa ser analisado em relação às várias formas de contrapoder ou resistência vindas dos grupos dominados (ou de grupos de ação que representam tais grupos), o que também é uma condição para a análise dos desafios e das mudanças sociais e históricas”. A categoria da contestação, resultante, por sua vez, de contrapoderes que emergem das práticas sociais realizadas no contexto da reciclagem de produtos descartáveis, pode ser evidenciada no testemunho levado por uma catadora, membro do Movimento Nacional de Recicladores, à mesa-redonda do “Seminário Internacional: por um Brasil sem desigualdades”:

Excerto (9)

Há mães e pais tirando o sustento do lixo, utilizando o rejeito da sociedade para alimentar seus filhos. Passamos o dia inteiro catando material, mas, quando vamos vender, este não tem valor quase algum. Um dia de nosso trabalho serve para enriquecer o atravessador, alimentá-lo bem e permitir que compre um carro importado. Essa é nossa realidade (RIBEIRO, 2004, p.106).

O Movimento Nacional de Recicladores teve seu início em 2001, com a manifestação de cerca de cinco mil pessoas que marcharam da Universidade de Brasília (UnB) até a explanada dos ministérios, reivindicando direitos do regime trabalhista da CLT. A partir daí, o movimento vem-se firmando na tentativa de que se criem leis que os elevem à condição de verdadeiros recicladores. Nas palavras da catadora referida, “o custo é muito alto para que um catador venha a ser reciclador. Na realidade, os catadores só fazem o trabalho da coleta e da triagem e passam para o atravessador” (RIBEIRO, 2004, p. 107). Ao almejar pela mudança de condição nas relações de trabalho a produtora do discurso se posiciona frente a outrem, ou seja, à luz da alteridade eu-outro.

É também na voz e no testemunho levado pela catadora mencionada, à mesa-redonda do “Seminário Internacional: por um Brasil sem desigualdades” que encontramos a categoria “negociação”, sugerida por van Dijk (2008):

Excerto (10)

Nós podemos trabalhar, nós queremos o nosso direito, nós queremos receber porque coletamos o material e cuidamos do meio ambiente, por quê? Porque todo mundo sentiu que pode ser prejudicado se não cuidar do meio ambiente.

(...) Há muitos anos existe catador no mundo e ele vem cuidando do meio ambiente. Então, estamos reivindicando o que é direito nossos: continuar trabalhando e ser reconhecido como categoria. Apresentamos uma proposta para sermos reconhecidos como classe de agentes ambientais e estamos aguardando (RIBEIRO, 2004).

O reconhecimento social da atividade econômica em que se inserem os catadores é reivindicada, como se vê, na voz da catadora, por meio do argumento, socialmente consagrado, que permeia o imaginário popular, de que o meio ambiente precisa de proteção e cuidados. Como observa Barros (2009, p. 31), “devemos ressaltar o fato de que a linguagem está inserida em contextos sociais e culturais que se nos apresentam atravessados por posicionamentos ideológicos e desigualdades sociais”. A partir daí, a importância da sua prática social deve ganhar corpo frente à outra prática social já reconhecida no cômputo das relações entre crescimento econômico e sustentabilidade ambiental. A categoria consenso permeia os discursos dos/as moradores/as da Vila Santa Maria bem como o depoimento da catadora membro do Movimento Nacional de Recicladores.

6 Considerações finais

À guisa de conclusão, pode-se afirmar que o *ethos* discursivo dos moradores no entorno do Lixão de Paranaguá se constrói relativamente às formas simbólicas circulantes na comunidade, estando refletidas, neste estudo, na categoria de “consenso”. *Ethos* discursivo e formas simbólicas se entrecruzam a partir do momento em que os/as moradores/as da Vila Santa Maria se definem como trabalhadores, uma vez que se compreendem como verdadeiramente engajados em uma atividade laboral e nas relações de trabalho. Para eles/elas, os dejetos são fonte de sua sobrevivência, além de suscitar o sentimento de orgulho de terem criado seus filhos/as com essa atividade.

Mais um recorte do depoimento da catadora membro do MNR serve-nos de exemplo desse estado de coisas: “E nós, catadoras, enfiamos a mão no lixo sem uma luva, às vezes, daquele lixo é tirado o alimento que levamos para os nossos filhos. Não temos receio, medo de dizer isso, porque naquele dia, pelo menos, os filhos tiveram o que comer, naquele dia tivemos como colocar algum alimento na mesa” (RIBEIRO, 2004, p.106).

Referências

- ABRAHÃO, C. S. **Dinâmicas histórico-geográficas da organização espacial da periferia - o caso da Vila Santa Maria em Paranaguá - Estado do Paraná – Brasil**. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiahistorica/09.pdf>. Acesso em: 16/06/2013.
- BARROS, D.E.C. 2009. A gramática como testemunha do ethos discursivo parlamentar: ele oculta, ela desvela. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 10(2). Brasília: Thesaurus, p. 13-31.
- BARROS, D.E.C. ; SILVA, D.E.G. 2008. Práticas linguístico-discursivas sob a lupa da Análise de Discurso Crítica. **Glaukus - Revista de Letras e Artes**, v. 8, n. 2 jul./dez. Viçosa: UFV (MG), p. 124-147.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. 2004. **Dicionário de Análise do discurso**. São Paulo: Contexto.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2001. Coord. da trad. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB. [Original em Inglês: *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992].
- HADDAD, G. 2005. Ethos previo e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland. In: R. AMOSSY (org.). **Imagens de si no discurso**. São Paulo: Contexto, p. 145-165.
- MEY, J. 2002. The constraints imposed by the society are, again, often expressed in the way the community organizes and controls the use of language. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 5. Brasília: Thesaurus.
- MEYER, Michael. 2003. Entre la teoría, el método y la política; la ubicación de los enfoques relacionados con el ACD. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Editorial Gedisa, p. 35-58.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em Psicologia**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MOSCOVICI, S. On social representations. In: J. FORGAS (comp.). **Social cognition**. Perspectives on everyday understanding. Londres: Academic Press, 1981. p. 191-209.
- RIBEIRO, R. **Seminário Internacional – Por um Brasil sem desigualdade: relatório Final da Comissão Externa da Feminização da Pobreza no Brasil, Câmara dos Deputados, junho, 2004**, p.105-111.
- SILVA, D.E.G. A gramática da pobreza em práticas discursivas de atores sociais: uma perspectiva crítica In: FALALLABELA, B. et al (Orgs.). **Exclusão e resistência**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- SILVA, D.E.G. Representações discursivas da pobreza e discriminação na mídia. In: SILVA, D. E. G.; LEAL; M. C.; PACHECO, M. C. N. (Orgs.). **Discurso em questão: representação, gênero, identidade, discriminação**. Goiânia: Cênone Editorial, 2009. p. 63-74.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. [Ideology and modern culture. Cambridge: Polity Press, 1990].

VAN DIJK, A. T. Algunos principios de una teoría del contexto. **Revista Latino Americana de Estudios del Discurso**, 2001, 1(1), p. 69-81.

VAN DIJK, A. T. Discourse as interaction in society. In: **Discourse as social interaction – discourse studies**: a multidisciplinary introduction, v. 2, London: Sage Publications, 1997. p. 1-37.

VAN DIJK, A. T. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, A. T. Discourse, context and cognition. In: **Discourse studies**, v. 8(1), 2006, 159-177. Disponível em: <<http://www.discourses.org>>. Acesso em: 16 jun. 2013.